

JOSÉ EDUARDO VENDRAMINI

11 – 3257.0105 ou 11 – 9.5321.0658

jevendra27@gmail.com

SBAT – 27.320

LABIRINTO 37

ou

O ÁLIBI DOS BOIS



Roteiro original

Número de cenas: 72

Número de laudas: 97

DRAMA/MISTÉRIO

JOSÉ EDUARDO VENDRAMINI

1947.

Dramaturgo / roteirista para audiovisual.

LABIRINTO 37 ou O ÁLIBI DOS BOIS, audiovisual. Unitário longo (equivalente a um filme de longa-metragem). Gênero: crime/drama/mistério. A ação acontece em 1937, durante a ditadura Vargas, numa pequena cidade do interior paulista - dedicada à criação de bois -, em que uma única família vai se perpetuando no poder através de assassinatos políticos. Na base do enredo existe o mito grego do Minotauro. Teseu é agora Túlio, um repórter de um jornal paulistano, opositor da ditadura vigente, perdido no labirinto da violenta política interiorana, sendo ajudado por Ariadne, uma professora primária sufocada pelo puritanismo local. O jornalista desafiador é brutalmente assassinado num ritual disfarçado de festa folclórica. Visualmente, a inspiração vem das famosas Cavalhadas de Pirenópolis (Goiás).

TEMÁTICA PRINCIPAL : o crime (disfarçado de casualidade) como método de eliminação do dissidente político.

CONTATO:

jevendra27@gmail.com

11 – 3257.0105.

11 – 9. 5321.0658.

PERSONAGENS

COM FALAS

Túlio
Alencar
Pimentel
Chefe do Trem
Chofer
Valdemar
Ariadne
Coronel Julião
D.Marta
Tecelã
Joana, a Louca
1 Filho do Cel.Julião
1 Criança
Lavrador
Comerciante
Diretora da Escola

SEM FALAS

3 Homens Mascarados
Prostituta
Médico
3 Hóspedes do Hotel
Criada do Hotel
Capangas do Cel. Julião
2 Filhos do Cel. Julião
Padre
3 Homens com Chapéus

FIGURANTES

Jornaleiro	3 Professoras, amigas de Ariadne
Dona-de-casa	3 Amigos de Ariadne
Jornalistas	Membros da "Senzala"
Pessoas na Estação da Luz	Funcionários da Estação de Trem
Membros do Partido Comunista	Convidados da Festa
Passageiros do trem	
Moradores da cidadezinha	
Bêbados	
Pedintes	
Beatas	
Crianças da Escola	
Funcionários da Tecelagem	
Participantes do Desfile	
Convidados do Palanque	
(Políticos, Militares, Esposas)	

LOCAÇÕES

INTERIORES

1. Quarto de Túlio
2. Agência do Jornal
3. Sala do Diretor do Jornal
4. Cabine do Trem
5. Sede do Partido Comunista
6. Consultório Médico
7. Corredor do Trem
8. Saguão do Hotel
9. Quarto do Hotel
10. Casa da fazenda(Corredores)
11. Sala de Jantar
12. Sala de Visitas
13. Estábulo
14. Tecelagem
15. Senzala
16. Banheiro do Hotel
17. Sala de Aula
18. Corredor da Escola
19. Gruta
20. Vagão do Trem
21. Pátio Interno do Hotel
22. Quarto de Ariadne

EXTERIORES

1. Rua de São Paulo
2. Estação da Luz
3. Plataforma da Estação da Cidadezinha
4. Rua de Terra
5. Ruas da Cidadezinha
6. Frente do Hotel
7. Estrada de Terra
8. Frente da Casa da Fazenda
9. Praça Central
10. Fazenda Abandonada
11. Barracão
12. Curral

ÉPOCA : 1937.

LABIRINTO 37

ou

O ÁLIBI DOS BOIS

1. Em 1937, Túlio, um jornalista ligado à oposição contra Getúlio Vargas, é enviado pelo diretor do jornal onde trabalha para cobrir as eleições municipais numa cidadezinha chamada Eldorado, às quais concorrem três irmãos, filhos do atual prefeito, o Coronel Julião.
2. Ao chegar à cidade, ele é levado por um desconhecido ao hotel, onde já era aguardado. Túlio pede uma máquina de escrever ao dono do hotel. No quarto, encontra um bilhete da família dos candidatos, convidando-o para jantar numa fazenda. Túlio é levado ao local pelo mesmo desconhecido da estação.
3. Depois do jantar, o Coronel Julião mostra-se extremamente solícito. Dona Marta, segunda mulher de Julião, interessa-se por Túlio. Antes de partir, Túlio é convidado a conhecer, na manhã seguinte, a tecelagem do prefeito.
4. Ao sair da casa, que mais parece um labirinto, Túlio é encaminhado por Dona Marta para o estábulo, onde ela o seduz. Bêbado, Túlio é levado para o hotel pelo chofer do Coronel Julião.
5. Ao entrar no quarto, Túlio descobre que sua mala de livros foi trocada por um baú cheio de documentos e objetos ligados à mineração.

6. No dia seguinte, o Coronel Julião mostra a tecelagem para Túlio. Autorizado pelo dono, ele entrevista uma tecelã. Ao seu lado, Joana, considerada louca, menciona a volta de um certo *Doutor*.
7. No dia 7 de setembro, Túlio assiste ao desfile, do palanque oficial. Dentre os números apresentados, há um estranho trio de homens mascarados de bois.
8. Túlio despede-se da família do Coronel Julião e procura entabular conversa com Ariadne, professora primária, filha do dono do hotel onde ele está hospedado. Ela também menciona o *Doutor*. Ele conta o que aconteceu na tecelagem. Ela convida-o para conhecer uma senzala, numa fazenda abandonada. Túlio aceita.
9. Na senzala, estão reunidas as pessoas que se opõem ao Coronel Julião e aos três filhos. Túlio fica sabendo a respeito do *Doutor*, figura mítica que fundou a cidade e cuja doutrina humanitária teria sido eliminada pelo Coronel Julião e sua família. Ariadne pede que Túlio conte toda a verdade numa reportagem, sem comprometer os membros do grupo.
10. Ao voltar com Ariadne para o hotel, Túlio decide dar uma volta pela praça, antes de dormir. Ariadne tenta demovê-lo da idéia, mas não consegue.
11. Na praça, Túlio é seqüestrado por três homens, que o levam para um barracão fora da cidade, onde ele sofre violência. Os três homens misteriosos despejam Túlio à porta do hotel.
12. Ariadne socorre Túlio e leva-o para o quarto. No banheiro, debaixo do chuveiro, ela lava seus ferimentos com uma esponja. Eles se amam.

13. Túlio decide voltar para a capital. Ariadne oferece-se para mostrar-lhe as grutas da região.
14. Ariadne leva Túlio ao *Santuário do Doutor*, assassinado pelo Coronel Julião por causa da disputa de terras supostamente auríferas.
15. No hotel, Túlio termina a reportagem, denunciando o crime.
16. Na estação, Túlio cruza com Dona Marta, que também vai viajar, acompanhada de um enteado e dois capangas.
17. No trem, um dos capangas dá uma coronhada na cabeça de Túlio.
18. De olhos vendados, Túlio é arrastado por uma estrada de terra pelos dois capangas. Atrás, vão Dona Marta e o enteado. Túlio é atirado no barracão atrás da casa do Coronel Julião. Na sede da fazenda, está acontecendo uma grande festa.
19. Mais tarde, ele é retirado - seminu, espancado e ainda de olhos vendados - do barracão e levado para um local iluminado por archotes. Túlio tira a venda. O misterioso trio do desfile começa a lutar contra ele. Túlio morre esfaqueado, sob o olhar dos convidados, que se divertem.
20. Ao amanhecer, com a entrada das vacas no curral, *o álibi dos bois* está formado.
21. A família do Coronel Julião vence as eleições de Eldorado, no ano de 1937.

CENA 1. INTERNA. QUARTO DE TÚLIO,
VAZIO. MANHÃ.

Som de chuva. A câmera percorre
um quarto modesto de rapaz solteiro,
porém bem arrumado. Muitos livros.
Escrevaninha. Abajur. Janela embaçada
pelo frio. Cama desarrumada. Sobre
a cabeceira, remédios para epilepsia
e uma pequena garrafa de uísque.

CENA 2. EXTERNA. RUA DE SÃO PAULO.
MANHÃ.

Túlio sai de sua casa e percorre,
a pé, o caminho que leva até a
redação do jornal. É uma manhã
fria e a garoa cai ininterruptamente.
Conforme ele vai passando pelas
ruas, vêem-se sinais de uma cidade
em plena agitação política. Ele
para numa banca de jornais. Manchetes
dos jornais mencionam "GETÚLIO" e
"1937". Túlio compra um jornal,
procura um artigo seu, não encontra.

TÚLIO - (Bravo) Droga! Não publicaram de novo!

Chateado, Túlio continua a andar.
Passa por uma lata de lixo, atira

o jornal lá dentro, para grande
espanto de uma dona de casa, que
vai passando com suas compras.

CENA 3. INTERNA. AGÊNCIA DO JORNAL.

DIA.

Túlio chega ao jornal, atravessa
várias salas da redação, cumprimenta
amigos. Alguns grupos param de
conversar quando ele se aproxima.

CÂMERA EM CHICOTE.

CLOSE NO ROSTO ACABRUNHADO DE TÚLIO.

Quando Túlio chega à sua mesa, há
um artigo seu, "VETADO", e um
bilhete. Túlio cumprimenta Alencar,
na mesa ao lado.

TÚLIO - Bom dia, Alencar.

ALENCAR - Bom dia, Túlio.

TÚLIO - Espero que seja! O que significa
isso? (MOSTRA) Vetaram de novo!...

Alencar aponta o bilhete.

ALENCAR - O Chefe quer falar com você.

TÚLIO - (Lendo) O que será que ele quer
comigo?

Desanimado, Túlio senta-se, dobra
o artigo cuidadosamente. Abre a
última gaveta da sua escrevaninha,

deposita-o lá dentro, ao lado de
muitos outros, na mesma situação.

CLOSE DOS ARTIGOS "VETADOS".

Túlio lê novamente o bilhete,
dobra-o , guarda-o no bolso, toma
coragem e levanta-se.

TÚLIO - Bem, já que não tem outro jeito mesmo...

ALENCAR - Coragem, homem.

CENA 4. INTERNA. PORTA DA SALA DO

DIRETOR. DIA.

Túlio bate à porta da sala do Diretor
do jornal, apreensivo. Ouve-se uma
voz, OFF.

PIMENTEL - (OFF) Pode entrar.

Túlio hesita. Toma coragem, abre a
porta e entra.

CENA 5. INTERNA. SALA DO DIRETOR

DO JORNAL. DIA. ATRÁS DA MESA DO

DIRETOR, RETRATO OFICIAL DE

GETÚLIO VARGAS.

TÚLIO - (Entrando) Com licença.

PIMENTEL - Ah, é você, Túlio. Pode entrar.

Sente-se, fique à vontade.

TÚLIO - Eu não queria atrapalhar, seu
Pimentel. Se o senhor está muito

ocupado, posso voltar mais tarde.

PIMENTEL - Nada disso! Fui eu mesmo quem mandou te chamar. Fique. Temos coisas importantes a tratar.

Túlio fecha a porta.

PIMENTEL - Tenho uma reportagem excelente pra você, um prato cheio. Qualquer repórter daria uma fortuna pra ter essa chance nas mãos.

TÚLIO - (Sentando-se) Do que se trata?

PIMENTEL - Já ouviu falar de uma cidade chamada Eldorado?

TÚLIO - Não, nunca.

Pimentel levanta-se e aponta num mapa às suas costas.

PIMENTEL - Fica aqui, no norte do Estado. É uma cidade muito pequena, montanhosa, pouca gente já ouviu falar dela.

TÚLIO - Mas, o que é que justifica ir até lá, num lugar tão longe, pra fazer a tal reportagem?

PIMENTEL - As próximas eleições para Prefeito.

TÚLIO - E então? Dá na mesma! Qual é a importância de uma cidadezinha que, em 1937, também vai eleger o seu Prefeito?

PIMENTEL - (Entre brincalhão e grosseiro) Calma!
Deixe-me falar!

Pimentel senta-se sobre a mesa.

PIMENTEL - Você está tão nervoso, antigamente
não era assim! Você deve estar
abusando do remédio... ou da bebida?

TÚLIO - Qual... Nem remédio nem bebida. O
senhor me conhece. Mas vamos à
reportagem.

PIMENTEL - (Mudando de tom) Muito bem. O que
justifica todo o interesse sobre esta
cidadezinha é que, para as próximas
eleições, concorrem três candidatos...

"INSERT"

TRÊS HOMENS MASCARADOS,
NUM ESTRANHO "BUMBA-MEU-BOI".

TÚLIO - E daí?...

PIMENTEL - Irmãos!

TÚLIO - O que?!

PIMENTEL - Você ouviu muito bem. Os três
candidatos são irmãos. E o pai deles
é Prefeito há muitos anos. Foi e ainda
é o grande chefe político que a cidade
já teve.

TÚLIO - (Irônico) Era só o que faltava.
Por que o pai também não se candidata?

PIMENTEL - Dizem que é pra dar chance aos filhos.

TÚLIO - (Sarcástico) E pra cidade, ninguém
vai dar uma chance?

PIMENTEL - Lá vem você de novo. Como é,
aceita a reportagem?

TÚLIO - Depende das condições.

PIMENTEL - A viagem dura, de trem, uma noite
inteira, mais meio dia. Você
chegará lá depois do almoço.

TÚLIO - Não é disso que eu estou falando.

PIMENTEL - Do que é, então?

TÚLIO - Vou poder contar tudo o que eu vir?

PIMENTEL - Eu te aconselho a ver apenas o lado
"folclórico" da história...

TÚLIO - E o lado político? Deve haver muita
coisa por trás dessa brincadeira de
mau-gosto. Imagine só, três irmãos...

"INSERT"

OS TRÊS HOMENS MASCARADOS AVANÇAM
SOBRE A CÂMERA.

PIMENTEL - Acho melhor você não colocar a mão
em cumbuca. A família toda é getulista.

TÚLIO - Então eu não vou. O Getúlio...

"INSERT"

OS TRÊS HOMENS MASCARADOS ESFAQUEIAM

ALGUÉM QUE NÃO SE VÊ, COLOCADO

NO LUGAR DA CÂMERA.

PIMENTEL - Acho melhor você ir.

TÚLIO - Aqui na capital estão acontecendo coisas muito mais importantes. Um jornalista faz mais falta aqui do que lá, naquele fim de mundo.

PIMENTEL - Engano seu. Além do mais, é bem melhor pra você se afastar da capital. Seus últimos artigos deixaram muito "irritadas" as pessoas do Governo. É bem melhor você se afastar daqui por uns bons tempos.

TÚLIO - (Entendendo tudo) Essa viagem... é "a pedido" deles?

PIMENTEL - "Conselho" meu.

TÚLIO - Mas...

PIMENTEL - (Interrompendo) Para evitar sua demissão.

Pausa. Pimentel estende-lhe a mão.

PIMENTEL - Boa sorte, Túlio.

CLOSE NAS DUAS MÃOS APERTADAS.

APITO DE TRENS.

CENA 6. EXTERNA. ESTAÇÃO DA LUZ.

NOITE.

CLOSE em duas mãos apertadas.ABRE.

Estação da Luz. Túlio se despede de Alencar. É noite fria e os dois exalam um hálito que embranquece quando entra em contato com o ar.

ALENCAR - (Estendendo-lhe ainda a mão) Melhor assim. Você passa essa semana fora, descansa, vai voltar bem disposto.

TÚLIO - Mas, e as reuniões? E o Partido? Como é que fica?

ALENCAR - Já disse, melhor assim. Nós vamos cuidar de tudo. Deixe o Movimento por nossa conta. Você anda meio doente, muito cansado, merece uma pausa. A tal cidadezinha não deve ser tão ruim assim. No mínimo, vai dar pra você descansar e até engordar um pouco.

TÚLIO - Não sei, não. Agora que vocês precisavam mais de mim...

ALENCAR - Desculpe eu te dizer uma coisa dessas, Túlio, mas essa viagem veio mesmo

a calhar. Você tem se empenhado demais,
meu caro, ficou muito visado. Mais
dia, menos dia, ia acabar sendo
preso e obrigado a denunciar todos nós.

TÚLIO - (Ofendido) Você me julga capaz disso,
Alencar?

ALENCAR - Qualquer um seria capaz disso, Túlio.
Depende das circunstâncias.

Túlio vai responder. O trem resfolega
muito alto.

ALENCAR - O trem! Não vá perder o trem!

Alencar ajuda Túlio com as malas.

Túlio sobe no vagão.

ALENCAR - Cuidado com a saúde!

O trem começa a se movimentar.

TÚLIO - (Alto, da junção de dois vagões) Não
se preocupe! Eu estou levando os
remédios!

ALENCAR - Então, cuidado com a bebida! Não
exagere, hem, seu malandro! Nós
precisamos muito de você!

TÚLIO - (Rindo e abanando a mão) E eu dela!

A tela é totalmente encoberta
pela fumaça que sai do trem.

CENA 7. INTERNA. CABINE DO TREM.

NOITE. LUZ DE ARANDELA. SOM DE
TREM EM MOVIMENTO.

A câmera percorre o ambiente :

Túlio dorme no seu compartimento,
meio sentado numa poltrona, os pés
ainda calçados, apoiados na cama,
a camisa desabotoada, a testa pingando
suor. Sobre a cama, um livro aberto,
abandonado. A cada movimento do trem,
a lâmpada tilinta dentro do pequeno
lustre enfeitado com desenhos florais,
num branco mais opaco que o resto do
vidro. Uma toalha branca balança e
roça nos objetos dispostos junto à
pia: um vidro de remédio para epilepsia
e uma pequena garrafa de uísque. A
câmera desfoca os objetos e foca-os
novamente, numa outra circunstância,
apoiados sobre a mesa de cabeceira
do quarto de Túlio. Começa uma sucessão
de pequenos FLASHES-BACK, com som
único, de trem.

CENA 8. INTERNA. QUARTO DE TÚLIO.

NOITE. LUZ DE ABAJUR.

Uma prostituta levanta-se da cama
e dirige-se ao banheiro. Túlio dorme,
suando frio. Na cabeceira, o remédio
e o vidro de uísque. CLOSE.

"INSERT"

BOIS AVANÇANDO.

CENA 9. INTERNA. SEDE DO PARTIDO

COMUNISTA. NOITE. LUZ ELÉTRICA.

AMBIENTE TENSO, ENFUMAÇADO.

Túlio discursa numa reunião do seu
Partido, inflamado. A testa, suando
frio. Alguns companheiros aplaudem,
outros balançam a cabeça negativamente.
Túlio enxuga a testa com um lenço.

"INSERT"

BOIS AVANÇANDO, MAIS PERTO.

CENA 10. INTERNA. CONSULTÓRIO MÉDICO.

DIA. AMBIENTE ASCÉTICO, FRIO.

Túlio ouve uma severa advertência
do seu médico. A testa, suando frio.
O médico lhe entrega um vidro de
remédio. CLOSE.

"INSERT"

BOIS AVANÇANDO, AINDA MAIS PERTO.

CENA 11. INTERNA. NOITE. QUARTO DE

TÚLIO. CLIMA TENSO.

Túlio datilografa alucinadamente

noite adentro. SEQUÊNCIA DE CLOSES:

O REMÉDIO E A BEBIDA SOBRE A MESA;

CINZEIROS CHEIOS; A TESTA, SUANDO;

A MÁQUINA DE ESCREVER. O ruído da

máquina cresce assustadoramente e

transforma-se no ruído do trem. A

câmera volta a focar o remédio e o

vidro de uísque sobre o aparador da

pia do trem, um vidro batendo no

outro. Subitamente, o trem pára.

CENA 12. EXTERNA. DIA. LATERAL DO TREM.

CLOSE das rodas do trem brecando.

A fumaça que sai das rodas enbranquece

toda a tela.

CENA 13. INTERNA. CABINE DO TREM.

LUZ DE ARANDELA, AINDA ACESA.

Em OFF, batidas na porta do compartimento,

repetidas e insistentes.

Túlio, a muito custo, consegue
acordar, ainda deitado sobre a
poltrona, a cama intacta, porém
suja dos seus sapatos. Consegue
abrir um pouco a porta do compartimento.
A luz que vem do exterior fere seus
olhos. CLOSE na fresta do compartimento.
Do outro lado, uma figura fardada,
misteriosa, em contra-luz.

CHEFE DO TREM - Próxima parada, Eldorado!

TÚLIO - (Atordado, não compreende) O que?

CHEFE DO TREM - Próxima parada, Eldorado! Não é
lá que o senhor vai descer, moço?
O seu amigo pediu pra avisar...

TÚLIO - Obrigado.

Túlio fecha a porta, levanta-se,
dirige-se à pia, molha o rosto ,
olha-se ao espelho , muito desanimado.
Túlio abre a janela do compartimento.
O dia invade tudo brutalmente.

TÚLIO - Que droga! O que é que eu vim
fazer aqui?

CENA 14. INTERNA. CORREDOR DO TREM.

DIA. CLIMA DE DESCONFORTO.

CÂMERA SUBJETIVA. A câmera agora é o olho de Túlio. Ele sai de sua cabine e tenta atingir o fim do corredor. Algumas cabines estão abertas, e de lá saem olhares curiosos, misteriosos, de repreensão. A câmera chega ao fim do corredor e pára no olhar misterioso do Chefe do Trem. A câmera fixa agora a "janela" formada pela junção de dois vagões. Lá fora, a paisagem rural, muito seca e agressiva, com restos de queimadas, corre rapidamente e vai aos poucos dando lugar à pequena cidade e à estação. Quando o trem pára, vê-se, enquadrado pela mesma "janela", um carro preto, já com a porta aberta. O chofer, um homem negro, forte e mal-encarado, de braços cruzados, sai da sua modorra quando vê Túlio descendo do trem.

CENA 15. EXTERNA. PLATAFORMA DA
ESTAÇÃO. DIA.

Túlio desce do trem e é abordado
pelo Chofer.

CHOFER - O senhor é que é o seu Túlio?

TÚLIO - (Confuso) O que?

CHOFER - Eu perguntei se o senhor é que é o
seu Túlio. O jornalista que vem lá
da capital...

Túlio olha de lado, desconfiado,
não vendo ninguém mais na estação,
além dele, do Chofer e dos funcionários
da companhia ferroviária.

TÚLIO - Sim, sou eu.

O Chofer pega as malas.

CHOFER - Então, com licença.

Aturdido, Túlio tenta impedi-lo.

TÚLIO - (Nervoso) Pode deixar, que eu mesmo
carrego. Quem é o senhor? Eu nem
sabia que eu estava sendo esperado...
Quem mandou o senhor aqui? Pode deixar
essa mala comigo, eu faço questão de
levar.

Túlio tenta tirar a mala das mãos
do Chofer. Eles se atrapalham. A
mala cai no chão e se abre, espalhando
livros e panfletos pelo chão. Túlio

se abaixa, aturdido, para recolher
papéis que começam a voar.

CLOSE no rosto misterioso do Chofer,
repreensivo e mudo.

O trem apita, partindo.

A fumaça do trem enbranquece a tela
e se mistura com a poeira que sai
do carro, no início da próxima
cena. FUSÃO.

CENA 16. EXTERNA. RUA DE TERRA.

DIA.

O carro, fotografado por detrás,
sacoleja na rua, deixando uma
nuvem de pó por onde passa.

Dentro do carro, Túlio sua frio
e se enxuga com o lenço.

CLOSE no olhar do Chofer, que ,
do retrovisor, examina Túlio.

CENA 17. EXTERNA. RUAS DA CIDADE.

DIA. SOL A PINO. CLIMA DE DESOLAÇÃO.

O carro atravessa uma pequena cidade
quase deserta, porém infestada de
propaganda eleitoral pelas paredes
e postes. Curiosamente, as fotos
dos três irmãos parecem mais a foto

de um só, o pai deles.

Da janela do carro, Túlio olha
meio assustado. De dentro das
pequenas lojas, pessoas sentadas,
aborrecidas, olham o carro preto
passar, com um olhar ao mesmo
tempo desacomorado e raivoso.
Nos bares, bêbados e pedintes.
Alguns cavalos amarrados nos postes.

CENA 18. EXTERNA. RUA EM FRENTE
AO HOTEL. DIA. CLIMA DE EXPECTATIVA.

CLOSE na roda do carro brecando.

Som estridente.

Dentro do carro, por causa da
brecada, Túlio é jogado para a
frente e para trás. O Chofer debruça-se
sobre ele, que está sentado na parte
de trás, e destrava sua porta.

CLOSE na mala que se abre na
Estação. As mãos de Túlio e do
Chofer dirigem-se para ela ao mesmo
tempo, mas a de Túlio chega primeiro.

CLOSE no rosto de Túlio, olhando
raivoso e assustado para o Chofer.

CLOSE no rosto misterioso do Chofer,
enraivecido por ter perdido a parada.

CENA 19. EXTERNA. FRENTE DO HOTEL.

DIA.

Fachada do Hotel, com alguns pedintes à porta.

A câmera fixa o meio-corpo inferior das duas personagens, atravessando a rua. Na frente, o Chofer, com a mala de roupas. Mais atrás, meio indeciso, Túlio, agarrado à sua mala de livros.

CÂMERA SUBJETIVA. A Câmera é novamente o olho de Túlio, agora entrando no Hotel. Ainda na rua, um ou outro transeunte, entre curiosos e assustados. À porta do pequeno hotel, muitos cegos, pedintes, batendo com uma moedinha em latas de marmelada, fazem a sua arenga.

CENA 20. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

DIA.

A câmera sai da claridade da rua e entra no saguão do hotel.

Numa mesa do restaurante do hotel, Ariadne, professora primária, filha do dono do hotel, corrige provas de seus alunos.

Às suas costas, janela aberta que dá para o pátio interno do hotel, usado como lavanderia.

Quando Túlio passa, ela levanta os olhos das provas e o encara fixamente.

Depois, encabulada, abaixa os olhos.

TEMA MUSICAL SUAVE.

Seu Valdemar, o dono do hotel, quando vê Túlio, guarda uma folha que estava examinando dentro do livro de registros e encara-o, também fixamente.

CLOSE na mão do Chofer, que deixa a mala de roupas cair no chão.

Atrás dele, Túlio continua rígido, segurando a mala de livros com as duas mãos.

CENA 21. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

DIA. CLIMA DE MISTÉRIO.

O Chofer dirige-se ao Dono do Hotel.

CHOFER - Esse é que é o homem, seu Valdemar. Tá tudo pronto?

VALDEMAR - É claro. Já está tudo pronto, pode ficar tranquilo.

CHOFER - Então, até logo.

VALDEMAR - Até logo.

CLOSE no rosto do Chofer, que sai.

CLOSE no rosto de Túlio.

O Chofer sai do hotel. Valdemar,
como por milagre, se descontrai e
dirige a palavra ao visitante.

De sua mesa, Ariadne continua
presenciando toda a cena atenciosamente.

VALDEMAR - Aqui está a chave, seu Túlio.

O senhor vai ficar no quarto
número trinta e sete. É o melhor
que nós temos, o único com banheiro
próprio. Não vá "arreparar", o
senhor sabe, hotel de cidade pequena
é quase uma pensão, não tem comodidade
nenhuma.

Valdemar pega a mala que o Chofer
deixou cair no chão e começa a subir
as escadas. A câmera vai atrás.

VALDEMAR - Também, pra que querer mais, se aqui
nesse fim de mundo quase nunca vem
ninguém, mesmo?

Túlio pára no primeiro degrau, olha
para o balcão e para o livro de
registros de hóspedes.

TÚLIO - Mas, antes, eu não preciso me
registrar? Como é que...

Túlio cruza seu olhar com o de
Ariadne. Emudece.

VALDEMAR - Que nada, seu Túlio! O senhor é
de confiança. Quem é que não vê?
Não precisa dessas coisas, não.
A gente sabe com quem está lidando.

TÚLIO - Mas...

Ariadne, aturdida, desaparece
dentro da cozinha do hotel.
Túlio cruza o olhar com Valdemar.
Sem saber como reagir, submete-se
e sobe a escada que leva aos quartos.

CENA 22. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

DIA.

Nervoso, Valdemar abre a janela do
quarto e tenta demonstrar solicitude,
arrumando o que já estava arrumado.

VALDEMAR - O senhor vai gostar daqui, seu Túlio.
A cidade é pequena, mas é de gente
boa. Anda meio feia por causa dessa
tal de propaganda, essa papelama que
não acaba nunca, mas quando tudo isso
passar, ela volta a ficar bonita de
novo, o senhor vai ver, vai até
querer voltar.

TÚLIO - Acredito. Mas, agora, o senhor vai me dar licença, eu viajei a noite toda, não estou me sentindo bem, preciso descansar.

VALDEMAR - Mas é claro. Com licença.

TÚLIO - Por favor, por acaso o senhor não teria uma máquina de escrever?

VALDEMAR - O que o senhor pedir! É velha, mas funciona perfeitamente. Vou mandar subir, mais tarde. Com licença.

Valdemar sai do quarto.

Túlio atira-se na cama, ainda vestido, e acende um cigarro. Quando vai depositar a cinza no cinzeiro da mesa de cabeceira, vê um papel dobrado, preso sob ele. Lê.

TÚLIO - (Lendo) A Família Julião convida o senhor para jantar. Hoje, às oito horas, na Fazenda Boi de Ouro.

Túlio fica olhando para o papel, ainda deitado. Repentinamente, encosta o cigarro aceso numa de suas bordas e ateia-lhe fogo.

TÚLIO - (Desafiadoramente) Quem brinca com fogo...

O papel queima-lhe as mãos. Ele atira os restos no cinzeiro. Olha para a janela.

TÚLIO - Fazenda Boi de Ouro. Como é que eu
vou fazer pra chegar lá?

CLOSE na janela. Anoitece. Vista
ainda do mesmo ângulo, a noite
mostra-se com muitas estrelas.

CENA 23. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

NOITE.

No quarto, já banhado, barbeado e
vestido, Túlio hesita entre o remédio
e a garrafa de uísque. Por fim,
decide-se pela bebida. Toma um
bom gole, olhando-se ao espelho.
Pausa. Decide-se, tapa a garrafa,
ajeita o cabelo glostorado, sai do
quarto, fecha a porta por fora.

CENA 24. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

NOITE.

Túlio desce a escada.
No saguão, que também funciona como
restaurante do hotel, Ariadne ouve
novela de rádio.
Três hóspedes jantam. Uma criada
sonolenta serve a sopa.
Túlio dirige-se, depois de uma pausa
de hesitação, ao dono do hotel.

TÚLIO - Boa noite.

VALDEMAR - Boa noite, seu Túlio.

TÚLIO - Eu gostaria de saber como é que eu
faço pra...

Valdemar olha para a porta da entrada.

Lá, o mesmo Chofer, que trouxe Túlio
da estação, espera-o, estático e
impecável. Túlio compreende toda
a situação.

TÚLIO - Boa noite.

VALDEMAR - Boa noite. O senhor pode levar a chave.

TÚLIO - (Para Ariadne) Boa noite.

Encabulada, Ariadne não responde,
fingindo estar absorta no rádio.

CENA 25. EXTERNA. ESTRADA DE TERRA.

NOITE. SOM OFF: DISCURSO.

O carro sacoleja na estrada de terra.

Em OFF, Getúlio Vargas discursa no rádio.

CÂMERA SUBJETIVA: a câmera assume o
ponto de vista de Túlio, de dentro
do carro. Iluminada pelos faróis, a
estrada parece assustadora.

CENA 26. EXTERNA. FRENTE DA CASA
DA FAZENDA. NOITE. ARCHOTES. MISTÉRIO.
Enquanto Getúlio defende a necessidade
do Estado Novo (em OFF), vai-se
delineando mais claramente a enorme
casa da Fazenda Boi de Ouro.
Quando o discurso chega ao fim,
o carro pára em frente à casa.
O Chofer abre, por dentro, a porta
de trás do carro.
Túlio desce, sozinho, cruzando com
vários capangas armados, que vão
lhe indicando o caminho com o olhar.
Túlio entra na casa. CLOSE no
brasão em cima da porta principal,
um touro dourado.

CENA 27. INTERNA. CORREDORES DA
CASA. NOITE.
CÂMERA EM CHICOTE. Túlio atravessa
portas e corredores que vão dar para
salas sucessivas, todas elas abertas
e muito iluminadas. A casa parece
um labirinto. Na última sala, a
família do Coronel Julião já está
sentada à mesa.

CENA 28. INTERNA. SALA DE JANTAR.

NOITE.

Clima de pompa(pretendida), de grande cerimônia.

Dona Marta usa vestido preto de renda e muitas jóias.

O jantar já foi servido, mas os pratos ainda estão vazios. Apenas os copos já estão cheios para o brinde, com exceção daquele reservado para Túlio. CLOSE do copo vazio.

Túlio entra na sala e pára, surpreso com o quadro vivo à sua frente: a família estática, já sentada à volta da mesa, esperando-o. Finalmente, consegue dizer qualquer coisa.

TÚLIO - Desculpem o atraso . Eu... eu dormi mais do que devia.

JULIÃO - (Servindo-o de vinho) Ora essa, seja bem vindo, seu Túlio! Vamos,sente-se!

Julião aponta o lugar de Túlio com autoridade.Túlio obedece.

Todos levantam os copos cheios, para o brinde.

JULIÃO - Saúde!

Túlio cruza o olhar sucessivamente com cada membro da família, entre desafio e curiosidade. Dona Marta, quarentona bonita, não consegue disfarçar sua selvageria libidinosa. O Coronel Julião e seus três filhos são parecidos em sua repugnância.

TÚLIO - Saúde!

Túlio emborca o copo cheio de uma vez, engasga e ouve as gargalhadas ruidosas de todos.

CENA 29. INTERNA. SALA DE VISITAS.

NOITE.

A câmera percorre a casa, toda decorada com cabeças de boi, espalhadas em excesso pelas paredes.

Na sala de visitas, ouvem-se as gargalhadas ruidosas do Coronel Julião. Os brindes continuam.

A bebida corre solta. Os filhos, meio adormecidos, atiraram-se às poltronas da sala. Permanecem meio sóbrios apenas o Coronel Julião, Dona Marta e Túlio, que evita o quanto pode aceitar a bebida que o Coronel Julião insiste em lhe colocar no copo.

O Coronel Julião aponta os filhos.

JULIÃO - Veja só: são como uns porcos bêbados.
Nem parecem meus filhos. Eu, com essa
idade, ainda consigo beber muito mais
do que eles, sem cair. Aliás, pra me
fazer cair, só mesmo uma boa mulher.

O Coronel Julião gargalha. Apresenta
o copo vazio para sua mulher, que,
sentada ao lado de uma mesinha,
pega a garrafa e enche-o.

JULIÃO - O senhor não bebe, seu Túlio?
TÚLIO - Obrigado. Já bebi mais do que devia.
JULIÃO - Eu insisto! Senão, o que é que o
senhor vai pensar da minha hospita-
lidade?

Dona Marta vai servir Túlio, mas
ele afasta a garrafa com a mão.

Os dois cruzam olhares continuamente.

TÚLIO - O senhor é quem sabe: se quer ficar
sem companhia pra conversar...
JULIÃO - Ora, deixe-se disso. O senhor me
parece tão forte...
TÚLIO - O que que é isso? Nem de longe eu
sou páreo para o senhor. Além disso,
quero rascunhar a reportagem ainda
hoje, quando chegar ao hotel.

- JULIÃO - Veja lá o que vai dizer na tal reportagem, hem? Nada de publicar que viu estas três bestas dos meus filhos bêbados feito uns porcos.
- TÚLIO - Pode ficar tranquilo: nada disso vai sair na reportagem.
- JULIÃO - (Desconfiado) Então, o que é que o senhor vai dizer?
- TÚLIO - Que o senhor ainda é a figura dominante na política da cidade, apesar de estar se afastando, de não ser candidato a nada.
- JULIÃO - Nada disso. O senhor vai é falar dos meus filhos.
- TÚLIO - Mas falar o que, se é com o senhor que eu estou conversando mais?
- JULIÃO - Tem razão. Precisa três deles pra fazer um de mim. A mãe deles, a minha primeira mulher, tinha mania de dividir. Ela preferiu me dar três filhos fracos. Pois eu preferia um filho forte que nem eu, nem que fosse um só!

O Coronel Julião acariciava rudemente a mulher, que evita como pode o carinho, olhando assustada para Túlio.

MARTA - Por favor, Julião...

JULIÃO - E essa aqui é uma mulher de luxo, que só quer me dar prazer. Outro filho, que é bom, nada. Essa mulher aqui é seca que nem figueira brava.

Ofendida, Marta levanta-se.

JULIÃO - Onde é que você vai, Marta?

MARTA - Com licença, eu vou me deitar.

JULIÃO - Nada disso, ainda temos muita coisa pra conversar. O que é que o nosso hóspede vai pensar de nós?

Túlio levanta-se.

TÚLIO - Desculpem, mas eu já estava mesmo querendo ir embora. Por hoje, já ouvi o suficiente pra começar a reportagem. E , depois, não há pressa: ainda tenho toda a semana pela frente. Se o senhor não se importar...

JULIÃO - Mas é claro que não! O que é que o senhor faz amanhã?

TÚLIO - Não tenho nada programado.

JULIÃO - Então, está convidado pra conhecer a minha tecelagem. Amanhã de manhã, lá pelas dez horas, o meu chofer passa do seu hotel. Está bem assim?

TÚLIO - Mas é claro! Então, com licença.

(Estende-lhe a mão) Boa noite!

JULIÃO - Boa noite, meu rapaz. E não se esqueça. Amanhã, às dez horas.

Túlio estende a mão para Dona Marta.

TÚLIO - Boa noite!

MARTA - (Insinuando-se) Eu o acompanho até a saída. Esta casa tem tantas salas, tantos corredores, que é bem capaz do senhor se perder nesse labirinto.

CENA 30. INTERNA. CORREDORES DA CASA.

NOITE. CLIMA DE SEDUÇÃO.

Com um lampião nas mãos, Dona Marta orienta Túlio na sua tentativa de sair daquele labirinto de salas, quartos e corredores.

Ela pega-o pela mão. Ele tenta retirá-la, mas ela a segura firmemente.

Chegam a uma encruzilhada de corredores.

A cena é vista de cima, como se a casa não tivesse teto.

MARTA - (Decidindo-se) Por aqui.

TÚLIO - (Indeciso) Tinha a impressão de que era por ali...

MARTA - (Forçando-o) Engano seu. Afinal, quem
conhece mais esta casa, eu ou você?

TÚLIO - A senhora tem razão, Dona Marta.

MARTA - Marta. Apenas Marta.

Continuam andando. Subitamente, Dona

Marta abre uma porta: estão no

estábulo.

CENA 31. INTERNA. ESTÁBULO.

NOITE. CLIMA DE SEXUALIDADE SELVAGEM.

TÚLIO - Mas estamos no estábulo! A senhora
me trouxe pelo caminho errado!

MARTA - Eu trouxe você pelo caminho certo.

TÚLIO - Mas eu quero ir...

Dona Marta cala-o, pondo a mão

em sua boca.

MARTA - Fique quieto. O caminho é esse.
O caminho também é esse. Me abraça
forte. Muito forte.

Túlio não reage. Ela começa a despi-lo,

rudemente. Ele se excita e começa a

abraçá-la forte.

Os dois caem no feno, sob o olhar

dos cavalos e o mugido das vacas,

que já começam a precisar serem

ordenhadas, pois já é quase manhã.

O hálito deles e dos animais; embranquece

o ar.

CENA 32. INTERNA. ESTÁBULO.AMANHECER.

A câmera fixa o rosto de Túlio, que
começa a acordar, ainda no estábulo.

Assustado, ele procura por Marta,

que já não está mais lá.

Desalinhado, meio vestido, trôpego,

tenta sair do estábulo. À porta,

tem ânsias e vomita.

CENA 33. EXTERNA. ESTRADA DE TERRA.

DIA.

Sons de pássaros.

Túlio sai andando por uma estrada

que não reconhece. A manhã muito fria

e o canto dos pássaros o reanimam.

Ele olha a casa de longe, lá no

alto, parecendo uma masmorra fantástica.

Quando Túlio se vira para continuar

seu caminho, dá de cara com o Chofer,

que o espera ao lado do carro,

estacionado à beira da estrada,

com a porta aberta. O Chofer

dirige-lhe a palavra.

CHOFER - Bom dia, moço.

Aturdido com a surpresa, Túlio não

responde e tenta afastar-se dele.

CHOFER - Eu levo o senhor. Pode subir tranqüilo.
Eu estou aqui pra isso mesmo. Faz tempo
que eu estou esperando. Já estou
acostumado. Toda vez que o patrão tem
visita, é a mesma coisa.

O Chofer ri, malicioso.

Túlio hesita.

CHOFER - Vamo, seu moço. Que é que tá esperando?
A cidade é longe. E, além do mais, o
senhor tá indo pelo caminho errado.

Finalmente, Túlio decide entrar
no carro, ainda meio trôpego.

O Chofer bate a porta, abre a porta
do seu lado, entra, fecha-a e dá
partida no carro.

A cena dura até que o carro
desapareça numa curva.

CENA 34. EXTERNA. RUA DA CIDADE.

DIA.

Da janela do carro, a câmera fixa
o início das atividades diárias da
cidadezinha: bêbados e pedintes à
porta de botecos, velhas beatas
dirigindo-se à igreja, comerciantes
abrindo as portas de suas lojas.

À passagem do carro, todos se voltam,
entre recriminadores e maliciosos.
Finalmente, o carro aproxima-se do
hotel e pára.

CENA 35. EXTERNA. PORTA DO HOTEL.

DIA.

Cavalos amarrados nos postes.

O carro pára.

Túlio vai descer, mas hesita.

Pensa em dizer alguma coisa para

o Chofer, mas desiste.

O Chofer abre a porta de trás,

para que Túlio possa descer.

CHOFER - Até logo, seu Túlio. Às quinze para
as dez, eu passo por aqui. O senhor
tem bastante tempo pra tomar um banho,
fazer a barba e trocar de roupa, que
o senhor bem que tá precisando. Bom
dia! (Dá uma boa gargalhada).

Sem dizer nada, Túlio desce do carro,

que parte rapidamente, deixando

muita poeira e assustando alguns

cavalos, que se empinam no ar.

À porta do hotel, Túlio cruza com
Ariadne, que, abraçando seus livros e
cadernetas, dirige-se para a Escola
Primária. Túlio lhe dá passagem.

TÚLIO - Faz favor. Tenha a bondade.

Tema musical suave.

Ariadne sai do hotel, de olhos baixos,
e pára, emburrada e hostil.

Túlio tenta vencer a antipatia dela.

TÚLIO - Bom dia!

Ariadne levanta os olhos, enraivecida,
e cruza o seu olhar com o dele.

Passa um bando de crianças em alvoroço,
rumo à Escola Primária.

Ariadne é envolvida por elas, vira
as costas para Túlio e some,
apressada, na primeira esquina.

CENA 36. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

DIA.

Túlio entra no hotel, atravessa o
saguão, cumprimenta o dono, que o
acompanha com o olhar, enquanto ele
sobe a escada e entra no seu quarto.
No saguão/refeitório, três hóspedes
tomam o café da manhã.

CENA 37. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

DIA. CLIMA DE TENSÃO.

Túlio entra no quarto e fecha a porta por dentro.

Túlio vê que seu quarto foi todo mexido.

Túlio procura as duas malas, mas só encontra aquela que continha as suas roupas. A mala com os livros e os panfletos sumiu. Em seu lugar, há um pequeno baú, muito velho.

Ele abre-o e descobre, lá dentro, manuscritos muito antigos e objetos pessoais e de pesquisas geológicas. Há um mapa da região, com indicações de montanhas, túneis e minas. Finalmente, um volume intitulado "PROJETO DE REFORMA AGRÁRIA".

TÚLIO - (Examinando o material) Manuscritos... aparelhos de pesquisa... mapa de mineração... projeto de reforma agrária... (Bravo, joga tudo dentro do baú) Quem será que está querendo o que, comigo?

CENA 38. QUARTO DO HOTEL.

DIA.

A câmera fixa o sol na janela,
causticante. Ouve-se uma buzina
estridente.

A câmera fixa Túlio, já banhado,
barbeado e vestido, deitado sobre
a cama, com o braço sobre o rosto,
para evitar a claridade.

Ouve-se novamente a buzina estridente.

Túlio acorda, assustado, e vai
até a janela.

TAKE do Chofer e do carro na porta
do hotel, vistos da janela do quarto.
Lá em baixo, o Chofer faz gestos para Túlio,
indicando-lhe que já são horas.

TÚLIO - Já vai! Um minuto, por favor!

Túlio fecha o baú, coloca-o debaixo
da cama, arruma alguns objetos ainda
fora de lugar, fecha o vidro de
remédio, toma um gole de uísque,
faz uma cara horrível e esconde
o vidro. Dá uma última olhada no quarto.
Ouve-se a buzina, cada vez mais
estridente. Túlio decide-se e sai do quarto.

CENA 39. INTERIOR. SAGUÃO DO HOTEL.

DIA.

Túlio tranca a porta do quarto por fora, desce a escada correndo, joga a chave no balcão e cumprimenta o dono do hotel.

TÚLIO - Bom dia, seu Valdemar.

VALDEMAR - Bom dia.

No saguão, três hóspedes lêem jornal.

CENA 40. EXTERIOR. FRENTE DO HOTEL.

DIA.

A cena é vista de dentro do hotel (ponto de vista de Valdemar).

Túlio entra no carro, que já está com a porta aberta, bem de frente para a porta do hotel. Bate a porta. O carro sai velozmente, sob o olhar dos curiosos, deixando muita poeira atrás de si, espantando novamente os cavalos e fazendo tossir os cegos e pedintes.

CENA 41. INTERNA. TECELAGEM.

DIA. AMBIENTE DE SOFRIMENTO.

A câmera fixa o movimento das máquinas
de fiar e a fumaça que sai das caldeiras,
onde se tingem os fios.

A tecelagem tem um movimento intenso.

O Coronel Julião mostra o local
para Túlio.

JULIÃO - Aqui está. É a minha pequena maravilha,
a minha tecelagem. Sabe, não há uma
só família na cidade que não tenha
uma pessoa trabalhando aqui. Ou é na
fiação, ou é no tingimento, mas
ninguém escapa da tecelagem do
Coronel Julião.

TÚLIO - E as pessoas, gostam de trabalhar aqui?

JULIÃO - Que se há de fazer? Se pelo menos as
minas dessem alguma coisa...Mas o
ouro aqui acabou faz muito tempo.
Aliás, os portugueses levaram tudo,
se é que havia mesmo algum ouro...
Hoje sobrou só lembrança. O pessoal
teve mesmo é que abrir uma loja ou
então vir trabalhar aqui na tecelagem.

TÚLIO - Mesmo assim, eles gostam de trabalhar
aqui?

JULIÃO - Só perguntando...

TÚLIO - Posso?

JULIÃO - Por que não? Vá em frente. Pergunte a eles tudo o que o senhor quiser saber.

O Coronel Julião afasta-se um pouco.

Túlio se aproxima de uma funcionária.

TÚLIO - Com licença.

TECELÃ - (Tensa, trabalhando) Sim, senhor.

TÚLIO - Eu queria perguntar umas coisas pra senhora... Posso?

TECELÃ - Sai pra lá, seu moço. Não tá vendo que o patrão tá só olhando? Ele não quer ver a gente parar de trabalhar, não.

TÚLIO - Eu já falei com ele. Ele sabe que eu estou conversando com a senhora.

TECELÃ - (Espantada) Sabe?

TÚLIO - (Acalmando-a) Sabe, sim. Foi ele mesmo quem deu a autorização.

TECELÃ - Sei não, seu moço. Num tô gostando nada dessa história. Sei lá se o patrão deixou mesmo eu perder meu tempo com o senhor...

A Tecelã olha de soslaio para o Coronel Julião, que, de longe, lhe acena afirmativamente com a cabeça.

TÚLIO - Está vendo? Eu não disse? Ele concorda.

TECELÃ - Bem, se é assim, pergunta logo de uma vez tudo o que o senhor quer saber, pra mór de eu poder voltar logo pro meu trabalho, que eu não quero levar fama de preguiçosa, não.

A Tecelão pára a máquina.

TÚLIO - Faz tempo que a senhora trabalha aqui?

TECELÃ - Muito tempo.

TÚLIO - A senhora gosta do seu trabalho?

TECELÃ - Que se há de fazer? Deus quis assim...

TÚLIO - E o que a senhora ganha, dá pra viver?

A Tecelã, desconfiada, olha para

o Coronel Julião.

TECELÃ - Dá, dá sim. Por que não haveria de dar?

TÚLIO - Quantos filhos a senhora tem?

TECELÃ - Cinco.

TÚLIO - E o seu marido, o que é que ele faz?

TECELÃ - Nada.

TÚLIO - Como, nada? Se a senhora trabalha, por que ele não?

TECELÃ - Ele é entrevado, seu moço. Uma máquina pegou ele, faz tempo, ele num pode mais trabalhar, não. Graças a Deus que eu posso. Senão, como é que eu ia fazer, com tanta boca pra sustentar?

TÚLIO - Mas ele não pode ajudar em nada?

TECELÃ - Bem se vê que o senhor é lá da cidade grande, mesmo. Aqui, mal e mal tem emprego pra quem tá com a saúde boa, quem dirá pra entrevado.

Joana, uma funcionária muito estranha, sentada ao lado, interfere na conversa.

JOANA - (Estranhamente) Quem quer, fia. Quem não quer, desfia.

TÚLIO - (Sem entender nada) O que?

JOANA - (Mais estranhamente ainda) Quem quer, fia. Quem não quer, desfia. De dia eu fio, de noite eu desfio.

TÚLIO - (Interessado) O que a senhora quer dizer com isso?

JOANA - O senhor ainda não entendeu? De dia, eu fio, de noite, eu desfio.

TECELÃ - Deixa essa louca de lado, seu moço. Ela perdeu um filho num faz muito tempo, por isso que ela fala desse jeito. Ela num anda nada boa da cabeça, por isso que ela trabalha aqui, mais pra distrair.

Joana insiste, como se falasse algo muito claro.

JOANA - De dia eu fio, de noite eu desfio.
O Doutor vai voltar.

TÚLIO - O que?

Joana dá uma gargalhada feroz e
enreda muitos fios.

JOANA - O Doutor ! O Doutor vai voltar!

O Coronel Julião aproxima-se e pára
a máquina. Atencioso, porém severo,
dirige-se a Joana.

JULIÃO - Vai pra casa, Joana, vai. Chega de
estragar material. Hoje você já se
distraindo bastante.

Apavorada, Joana embrulha-se em
seus trapos e sai correndo.

JULIÃO - (Para Túlio) Não lhe dê importância.
Ela é louca. Trabalha aqui por
caridade da minha mulher, mais pra
se distrair. E o lucro que ela me dá
é bem menor do que os prejuízos que
ela me causa. Veja só o que ela me
fez com esses fios.

TECELÃ - (Atordoada, solícita) Pode deixar, seu
Julião, que eu dou um jeito nisso. Eu
bem que falei pro moço num dar atenção
pra ela, que ela era louca varrida.
Eu bem que avisei...

O Coronel Julião dirige-se a todos,
parados e aturdidos com o que
aconteceu.

JULIÃO - Como é? O que estão esperando? Que
eu vá tecer um manto pra cada um?

Postas novamente em funcionamento,
as máquinas emitem um barulho ensurdecedor.
misturado com o da fanfarra que abre
um desfile, no início da próxima
cena.

CENA 42. EXTERNA. PRAÇA CENTRAL.

DIA. AMBIENTE DE FESTA.

Sete de setembro. É dia de festa na
cidade: há fanfarras desafinadas,
desfile, faixas, tudo muito pobre.
Túlio está no palanque oficial, como
convidado do Coronel Julião e de
seus três filhos. Ao lado deles,
figuras da política local, esposas,
militares, o padre.

As escolas desfilam melancolicamente.

As professoras acompanham seus alunos
e sorriem para o palanque, quando
passam.

O povo não manifesta entusiasmo nenhum.

Há o tradicional desfile de bicicletas.

O Coronel Julião observa as jovens
com muita malícia no olhar.

Além de outros números de praxe, há um desfile de bois premiados, propriedade do Coronel Julião. Dona Marta desfila gloriosa, vestida de vaqueira, montada num touro branco, enorme.

O povo tenta dissimular a sua chacota, mas isso é impossível, e um certo mal-estar percorre a praça.

Há também um "Bumba-meu-Boi", ao mesmo tempo muito colorido e muito misterioso, acionado por três pessoas mascaradas de bois . As curiosas figuras avançam sobre a multidão, ameaçando-a com os chifres.

Túlio sente-se um pouco incomodado, e sua frio. (SÃO AS MESMAS FIGURAS DA CENA 5).

Ariadne apresenta o número que preparou com as crianças da Escola Primária: na frente do palanque, crianças vestidas de índios executam uma pequena coreografia, que termina com a exibição de uma faixa, onde se lê "LIBERDADE É DEMOCRACIA".

O Coronel Julião se mantém impassível, mas algumas pessoas se mostram incomodadas.

O povo mostra o seu agrado, primeiro
através de um profundo silêncio, e
depois através de um rápido mas
intenso aplauso.

CENA 43. EXTERNA. NO CHÃO, EM FRENTE

AO PALANQUE. DIA.

Ao fim do desfile, Túlio se despede
do Coronel Julião. Figurantes do
desfile andam pela praça, desordenadamente.

JULIÃO - Como é, o senhor gostou do desfile?

TÚLIO - Sim, achei tudo muito...bonito.

JULIÃO - Este ano foi mais simples. Antigamente,
os desfiles costumavam ser
verdadeiras apoteoses.

TÚLIO - Imagino.

JULIÃO - Como é, o senhor aceita almoçar
com a gente?

TÚLIO - Obrigado, já tenho compromisso.

JULIÃO - Mesmo assim...

TÚLIO - E, além do mais, vou aproveitar o
resto da manhã pra cuidar da minha
vida: andar um pouco, conhecer melhor
as pessoas, entrevistar um ou outro.

Ariadne passa por eles e cumprimenta
secamente.

ARIADNE - Bom dia.

TODOS - Bom dia.

Ariadne afasta-se.

JULIÃO - (Raivoso) Moça geniosa, essa Ariadne!

TÚLIO - Quem? A moça do hotel?

JULIÃO - Sim, ela mesma.

FILHO - Uma moça muito correta.

JULIÃO - Mas muito geniosa. Parece feita de pedra!

FILHO - Fibra de moça do interior! (Para Túlio) Lá na capital, parece que agora só tem francesa e polaca. É mesmo assim como dizem, seu Túlio? É verdade que moça direita, de família boa, não tem mais, lá na capital?

TÚLIO - (Rindo) Histórias... Bem, com licença, eu vou andando.

JULIÃO - Até logo mais, seu Túlio! Quando quiser, apareça. O senhor sabe o caminho.

TÚLIO - Obrigado.

Dona Marta aproxima-se deles.

MARTA - Apareça.

Dona Marta segura a mão de Túlio demoradamente. Todos se cumprimentam e se afastam.

Túlio procura Ariadne com os olhos.
A câmera vai mostrando o que sobrou
do desfile: uma ou outra criança
brincando com bandeirinhas, alguém
tocando um instrumento isoladamente,
famílias da roça comendo doces em
carrinhos de esquina.
Finalmente, Túlio vê Ariadne
conversando com três amigas.

CENA 44. EXTERNA. OUTRA PARTE

DA PRAÇA. DIA.

Túlio aproxima-se e cumprimenta
todas as moças com um gesto de cabeça.

TÚLIO - (Para Ariadne) Permita-me cumprimen-
tá-la. O número que a senhorita
preparou com as crianças esteve
realmente formidável.

ARIADNE - (Encabulada) Obrigada.

Rindo, as amigas afastam-se.

Nervosa, Ariadne ri também.

TÚLIO - Que bom vê-la sorrindo. Assim, a
senhorita fica bem mais bonita.

Começam a andar.

ARIADNE - Nem pareço feita de pedra,
não é mesmo?

TÚLIO - (Estupefato) Como soube?...

ARIADNE - (Exaltada) Eles dizem a todo mundo
o que pensam de mim: que eu sou
feita de pedra!

Sentam-se sob um caramanchão.

ARIADNE - Por favor, não falemos mais nisso.
O que o senhor achou mesmo das
crianças?

TÚLIO - Eu já disse: fiquei encantado. E a
frase, então? Muito bonita! Quem é
o autor? Não vá me dizer que é de
sua lavra...

ARIADNE - (Rindo, encabulada) Quem sou eu...
Essa frase, dizem que é do Doutor,
já ouviu falar nele?

TÚLIO - Doutor? Acho que sim... Não me
lembro quando, mas já me falaram
num tal de Doutor...

ARIADNE - Pois então. Ele morreu faz tempo. Foi
um dos fundadores da cidade.

"INSERT"

O baú com manuscritos, aparelhos de
pesquisa geológica, mapas, projetos
de reforma agrária, como na CENA 37.

Voz em OFF, de Ariadne.

ARIADNE - (OFF) Era uma mistura de fazendeiro,
geólogo, médico, poeta, farmacêutico...
Ele era muitas coisas ao mesmo tempo.

Túlio enxuga o suor da testa.

TÚLIO - (Disfarçando) Ah, agora eu me lembro
onde foi que eu ouvi falar dele: lá
na fábrica do Coronel Julião. Uma
funcionária meio louca disse umas
coisas estranhas e, no fim, afirmou
que ele vai voltar.

ARIADNE - (Preocupada) Quem?

TÚLIO - Ele, o Doutor . A louca disse
que ele vai voltar.

ARIADNE - (Estranha) Ela tem razão.

TÚLIO - Mas, como assim? Ele não morreu faz
tempo?

Ariadne levanta-se bruscamente.

ARIADNE - O que o senhor vai fazer hoje
à noite?

TÚLIO - Não sei. Não tenho compromisso nenhum.
Talvez eu continue escrevendo a
reportagem.

ARIADNE - Então, não se comprometa com mais
ninguém. O senhor está convidado
a conhecer uma senzala.

Túlio levanta-se, intrigado.

TÚLIO - Uma senzala?

ARIADNE - Uma senzala muito antiga, numa
fazenda abandonada.

TÚLIO - Mas, à noite?

ARIADNE - Sim, à noite.

Passam três conhecidos dela. Cumprimentam.

Ela responde com um gesto discreto, cúmplice.

ARIADNE - Com licença, eu preciso ir.

TÚLIO - Posso acompanhá-la até o hotel?

ARIADNE - Eu não vou pra casa, vou até a Escola,
guardar o material do desfile. E eu
prefiro ir sozinha, o senhor
compreende.

TÚLIO - Bem...

ARIADNE - Então, com licença. Bom dia.

TÚLIO - Bom dia.

Ariadne afasta-se.

Túlio é envolvido pela algazarra
de algumas crianças, que ainda brincam
na praça.

Túlio olha para a direção por
onde Ariadne saiu: ela desapareceu.

CENA 45. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

NOITE.

CLOSE numa terrina de sopa fervendo.

No saguão/refeitório do hotel, Túlio
e Ariadne jantam, um frente ao outro,
trocando olhares, cada um em sua mesa.

Uma empregada sonolenta serve a sopa.

Três hóspedes do hotel jantam também,
silenciosamente.

Túlio conversa banalidades com Valdemar,
pai de Ariadne.

VALDEMAR - Como é? O senhor está gostando
da cidade?

TÚLIO - (Meio acabrunhado) Sim...

VALDEMAR - E a sua reportagem, pra quando é?

TÚLIO - Bem, acho que vai demorar um pouco.
É uma reportagem grande, pode não
haver espaço tão cedo pra ela no
jornal...

VALDEMAR - (Insinuando coisas) Tem razão. Nessa
época, a política ocupa quase todas
as páginas de todos os jornais...

TÚLIO - (Cauteloso) Pois é...

Os três hóspedes trocam olhares
misteriosos entre si.

VALDEMAR - E a sua reportagem, sobre o que é, mesmo? O que é que interessou o senhor, aqui em nossa cidade?

Túlio procura apoio no olhar de Ariadne.

TÚLIO - Muitas coisas. A vida numa cidade pequena, por exemplo. O senhor sabe, lá na capital nós até nos esquecemos como é que se vive por aqui...

VALDEMAR - Engraçado. Muito engraçado. Nunca pensei que isso aqui fosse interessar os graúdos lá da capital, fora das eleições. Quando sair a reportagem, o sendo me manda logo um jornal pelo trem? O senhor me faz esse favor?

Túlio levanta-se.

TÚLIO - Prometo. Agora, com licença, mas eu preciso sair.

VALDEMAR - Mas o senhor não vai terminar de jantar?

TÚLIO - Obrigado. A sopa já foi o suficiente pra mim. Com licença.

Sob o olhar de todos, Túlio sobe a escada e entra no seu quarto.

Os três hóspedes voltam a conversar baixinho.

Ariadne troca um olhar raivoso com o pai, pega seu prato vazio e vai para a cozinha.

A empregada, que ia servi-la novamente, fica olhando estupefata, a concha cheia parada no ar.

CENA 46. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

NOITE. CLIMA DE APREENSÃO.

Túlio entra em seu quarto e se apronta para sair. Veste roupa e sapatos brancos, com frisos em marron. De tempos em tempos, olha pela janela do quarto para a rua. Após sucessivas tentativas, numa delas vê Ariadne em pé, à porta do hotel.

TAKE de Ariadne na porta do hotel, vista da janela do quarto. Nas mãos, um xale dobrado.

Túlio verifica o baú, debaixo da cama. Pega o paletó, sai e fecha a porta do quarto.

CENA 47. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

NOITE.

Som de discurso do Presidente,
no rádio.

Túlio fecha a porta do quarto e
desce a escada rapidamente.

Em baixo, para disfarçar, tenta
aparentar calma.

TÚLIO - Boa noite.

VALDEMAR - Boa noite, seu Túlio.

No saguão, os três hóspedes fumam
e ouvem rádio.

CENA 48. EXTERNA. PORTA DO HOTEL.

NOITE.

A cena é vista de dentro do hotel
(ponto de vista de Valdemar e dos
três hóspedes).

Túlio sai do hotel e cumprimenta
Ariadne bem alto, para que todos
ouçam.

TÚLIO - Boa noite, senhorita.

ARIADNE - Boa noite.

TÚLIO - Até logo.

ARIADNE - Até logo.

CENA 49. EXTERNA. FRENTE DO HOTEL.

RUA. NOITE. LUZ DE POSTE.

Túlio atravessa a rua, acende um cigarro e fica olhando disfarçadamente para Ariadne.

Algumas famílias já colocaram suas cadeiras às portas de suas casas, para verem o movimento.

Eles olham-se cautelosamente, cada um em sua calçada.

Ariadne começa a andar.

Túlio acompanha-a da calçada oposta, fingindo que não a conhece e que tudo não passa de mera coincidência.

Ariadne cumprimenta cada família, acaricia a cabeça de algumas crianças, e vai se afastando do centro.

CRIANÇA - Oi, Dona Ariadne.

ARIADNE - Boa noite.

Túlio cumprimenta cautelosamente uma ou outra família. À sua passagem, vê-se que as pessoas cochicham.

Finalmente, eles atingem o final da rua.

Túlio estaca.

Ariadne continua.

CENA 50. EXTERNA. RUA ESCURA, SEM
CALÇAMENTO. NOITE. LUZ DA LUA.
CLIMA DE PERIGO.

Ariadne continua por uma rua escura,
sem calçamento, mais uma estrada de
terra do que propriamente uma rua.
Olha para trás, como para inspirar
confiança em Túlio e indicar-lhe o
caminho.

Túlio decide-se e entra na rua
escura. Finalmente, alcança-a,
quando não há mais perigo de serem
vistos juntos.

ARIADNE - E então, com medo?

TÚLIO - (Arfando) Um pouco. Não estou
acostumado.

ARIADNE - (Rindo) Com reportagens de mistério?

TÚLIO - Não. A andar tanto!...

ARIADNE - Não devia ter vindo de sapatos
brancos. Esqueci de avisar. Agora,
todos vão saber onde foi que estive.

TÚLIO - Tem razão.

Passam por alguns lugares difíceis.

ARIADNE - E de roupa branca, também não.

Riem um pouco, entre nervosos e
entusiasmados com a aventura.

TÚLIO - Falta muito?

ARIADNE - Não, já estamos chegando lá.

CENA 51. EXTERNA. FAZENDA ABANDONADA.

NOITE. LUZ DE ARCHOTES. CLIMA DE MISTÉRIO.

Túlio e Ariadne chegam a uma fazenda abandonada.

Vultos abrem passagem para Túlio,
à vista de sinais dados por Ariadne.

CENA 52. INTERNA. ANTIGA SENZALA.

NOITE. LUZ DE FOGUEIRA CENTRAL.

Clima de mistério e religiosidade.

Bruma.

Túlio e Ariadne chegam a uma senzala,
iluminada por uma fogueira.

As pessoas estão sentadas em círculo,
em torno da fogueira. Há um lugar
vago para Ariadne, que é ocupado
pelos dois, com a aquiescência
silenciosa dos demais.

A câmera percorre o círculo.

CLOSE nos rostos, iluminados pela
fogueira. O movimento começa e
termina em Túlio.

Na senzala, está reunido o movimento de oposição ao Coronel Julião e aos seus três filhos. Algumas pessoas que Túlio notou na cidade (olhares insistentes de pessoas misteriosas) estão reunidas: um farmacêutico, um comerciante, um lavrador, Joana, operários da tecelagem.

Corre um bom galão de pinga entre os presentes, pois começa a fazer muito frio. Túlio bebe, a princípio cautelosamente, depois sem qualquer receio.

Um lavrador velho fala.

LAVRADOR - (Para Túlio) Essa pinga ainda é do engenho dele. Nunca ele negou de beber pra ninguém. Quando ele fundou a cidade, foi as terra dele que ele dividiu, um pedaço pra cada família. E ele mesmo abençoava os casamento e batizava os filhos da gente, num precisava vim padre lá da cidade, não. Mas tudo isso acabou quando o Coronel Julião tomou conta da cidade.

CLOSE em Túlio e Ariadne.

Túlio bebe.

Um Comerciante fala.

COMERCIANTE-Ele nunca se preocupou em ficar rico.

A fazenda que ele tinha, dividiu entre os lavradores. E as terras da cidade, foi ele mesmo quem doou. Mas tudo isso acabou quando pensaram que tinha ouro por aqui. Não era verdade. Mas, com essa desculpa, o Coronel Julião e aquela cambada de bandidos da família dele começaram a se apoderar de tudo e a matar posseiros em emboscada, só pra poder ficar com as terras deles.

Túlio bebe.

Começam os batuques.

Joana, a Louca, repete a sua arenga.

JOANA - Ele matou meu pai. Ele matou meu marido. Ele matou meu filho. De dia eu fio, de noite eu desfio. Meu pai quis dividir a terra, ele não deixou: queria todo o ouro só pra ele. Mas Deus castigou ele, não tinha ouro nenhum. E aí ele teve que criar boi. E Deus castigou ele mais ainda, quando a mulher dele morreu. E agora, quem tem chifre é ele. E mais três filho capado. (Gargalha ruidosamente) De dia eu fio, de noite eu desfio. Ele

matou meu pai. Ele matou meu marido.
 Ele matou meu filho. Mas, um dia,
 ele ainda vai morrer pelo meu fio.
 De dia eu fio, de noite eu desfio...

Túlio bebe.

ARIADNE - Agora você já sabe de tudo o que
 aconteceu. Nós só queremos que você
 conte tudo no seu jornal, mas sem
 mencionar o nome de ninguém, porque
 senão ele é bem capaz de continuar
 com suas represálias, e nenhum de nós
 escaparia. Ninguém aqui seria capaz
 de desafiar os Julião.

Joana avança para o centro da roda.

JOANA - Mas eu desafio. Eu sou Joana, a Louca,
 a que fia de dia e à noite desfia.
 Um dia eu ainda mato ele!

Joana atravessa a roda, pisando
 sobre as brasas da fogueira
 sem sentir nada. Abraça Ariadne,
 chorosa.

JOANA - O Doutor vai voltar, filha?

ARIADNE - (Abraçando-a) Calma, minha velha,
 calma. Um dia, quem sabe?...

Todos começam a cantar cantos muito
estranhos, uma mistura de hinos
religiosos, batuques de escravos
e senhas do grupo.

O ar, muito frio, embranquece com
a respiração das pessoas.

Um pão é dividido entre os presentes.

O galão de pinga continua a passar
de mão em mão.

Ariadne, ainda abraçada com Joana,
sente o olhar insistente de Túlio.

Levanta o seu olhar também e sorri,
emocionada.

Os cantos crescem.

Eles continuam a sustentar o olhar
indefinidamente, até que se tocam
com os dedos.

CLOSE nas mãos de Túlio e Ariadne.

CENA 53. EXTERNA. ESTRADA DE TERRA.

NOITE. LUZ DA LUA. CLIMA QUASE SOBRENATURAL.

CLOSE nas mãos entrelaçadas de Ariadne
e Túlio. ABRE. Ela o arrasta estrada
abaixo, rumo à cidade. Ela se embrulha
no xale para se proteger do frio.

Completamente bêbado, ele cantarola
trechos das canções, enrola palavras,
ameaça fazer discursos, enquanto
vai tropeçando em quase todas as
pedras do caminho.

À luz da lua, as árvores parecem
fantasmagóricas.

TÚLIO - (Enfrentando as árvores) Está me
ouvindo, velho fanfarrão? Eu vou
te derrubar, ouviu bem? Eu vou te
derrubar! Vamos, apareça! Onde é que
você está agora? Escondido lá nas
cocheiras, vendo tua mulher ordenhar
os bois, não é? Pois você vai cair
com o peso dos chifres, seu veado
galhudo, e eu vou te derrubar, fácil,
fácil. Pode escrever o que eu estou
dizendo, está me ouvindo? Pode
escrever...

Sem dizer nada, Ariadne continua
a puxá-lo pela mão, estrada abaixo.

CENA 54. EXTERNA. RUA DO HOTEL.

NOITE. LUZ DE POSTE. BRUMA.

Na rua deserta, Túlio continua a ser guiado por Ariadne.

Ele está mais quieto, porém abatido.

Apenas o som dos seus passos é um pouco mais alto.

À frente, Ariadne anda apressada, chamando-o com o olhar, meio imperiosa.

Cachorros latem.

Eles se sobressaltam. Param, olham-se, mas continuam a andar quase que imediatamente.

CLOSE em olhos atrás das frestas de uma janela.

CENA 55. EXTERNA. FRENTE DO HOTEL.

NOITE. LUZ DE POSTE. BRUMA.

Ariadne e Túlio chegam em frente ao hotel. Ele anda meio trôpego, ela decidida. Ela pega a chave no bolso , abre a porta, entra e puxa Túlio pela mão. Ele não quer entrar, bate com o ombro na porta e faz muito barulho. A necessidade de contato físico dos dois é evidente.

ARIADNE - Quietos! Não faça tanto barulho!

TÚLIO - Eu não quero entrar.

ARIADNE - (Escandalizada) O que?

TÚLIO - Já disse, eu não quero entrar.

ARIADNE - Ora, não seja criança! Você está completamente bêbado!

TÚLIO - Quero dar uma volta na praça.

ARIADNE - Agora?! Por que?

TÚLIO - Pra esfriar a minha cabeça.
Pôr o pensamento no lugar...

ARIADNE - Mas você não pode ficar sozinho, nesse estado...

TÚLIO - Então, vem comigo.

ARIADNE - Você deve estar brincando.

TÚLIO - Ainda é cedo.

ARIADNE - Pra você. Pra mim, já é madrugada.
Amanhã eu trabalho.

TÚLIO - Vem comigo!...

ARIADNE - Não seja teimoso!

Ele tenta abraçá-la, ela recusa.

Ele puxa-a para fora, ela resiste.

A porta volta a balançar e a fazer ruído.

Acende-se uma luz atrás de uma
janela do primeiro andar.

Valdemar, de pijama, aparece numa
sacada.

VALDEMAR - Ei! O que é que vocês estão pensando?
Que isso aqui é uma casa de loucos?
Ariadne, já para dentro!

ARIADNE - (Para cima, pedindo silêncio) Calma,
papai, já vou, não precisa gritar!

Valdemar, enraivecido, bate a
janela com estrondo.

ARIADNE - (Para Túlio) Entre, por favor!

TÚLIO - (Decidido) Não. Eu vou até a praça.

ARIADNE - (Derrotada, desiste) Você é que sabe.
Depois, não vá dizer que eu não
avisei.

TÚLIO - Avisou o que?

ARIADNE - Nada. Bobagem minha. (Pausa) Eu deixo
a porta encostada.

Ariadne entra e fecha a porta
do hotel. Túlio atravessa a rua.

TÚLIO - (Alto, olhando para a sacada) Boa
noite, senhorita!

A luz por detrás da janela do quarto
de Valdemar se apaga, como se fosse
uma resposta. Ouve-se a gargalhada
de Túlio.

CENA 56. EXTERNA. PRAÇA CENTRAL.

NOITE. LUZ DE POSTE. BRUMA.

CÂMERA SUBJETIVA: a câmera é agora o olho de Túlio. Ela oscila, foca e desfoca, uma vez que ele ainda está muito bêbado.

A névoa branca, que resulta do contato do seu hálito com o ar frio, confunde-se com a neblina que se abate sobre o pequeno jardim, totalmente deserto.

Túlio senta-se num banco de jardim, acende um cigarro, limpa o suor frio que lhe escorre da testa. Olha para a praça.

A câmera percorre a praça, ao mesmo tempo singela e misteriosa: a igreja, o pequeno coreto, os bancos vazios, as árvores, as flores.

A câmera desfoca de novo. Quando a imagem é novamente focada, há um carro estacionado na praça. Dele saem três homens com os chapéus muito descidos sobre os rostos.

Dirigem-se rapidamente para Túlio.

Atônito, ele mal consegue pronunciar qualquer palavra. Leva um murro violento no estômago, desmaia e é carregado para dentro do carro, que sai em grande velocidade.

CÂMERA SUBJETIVA, do ponto de vista do motorista: a câmera percorre agora algumas casas que circundam a praça. Uma ou outra tem uma janela acesa, podendo-se ver um vulto por detrás delas. Com a passagem do carro, as janelas vão-se apagando rapidamente, uma a uma.

CENA 57. EXTERNA. BARRACÃO NO CAMPO.

MADRUGADA.

CLOSE num galo que canta num terreiro, ao lado de um barracão.

De lá de dentro, ouvem-se gritos e gemidos, além do som de socos violentos.

A câmera circunda o barracão, como se estivesse procurando a porta de entrada. Quando a encontra, ela é aberta e Túlio, ensanguentado, é atirado para fora.

Atrás dele, é possível ver os três homens, com os chapéus ainda muito descidos sobre os rostos.

Túlio vai vomitar e quase desmaia.

A câmera desfoca.

CLOSE novamente no galo que canta no terreiro, ao lado do barracão à porta do qual Túlio está caído.

Por trás do barracão vazio, o dia amanhece vermelho.

CENA 48. EXTERNA. PORTA DO HOTEL.

DIA. AMANHECER.

Túlio está caído à porta do hotel.

Do carro, ainda parado, com uma das portas abertas, vistos por trás, três homens misteriosos observam.

CLOSE nos olhos de Ariadne que, dentro do quarto, observa a rua através das frestas da veneziana.

Visto por trás, um dos homens joga a chave do quarto em Túlio e bate a porta do carro, que parte rapidamente.

CENA 49. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

AMANHECER.

De camisola, Ariadne abre a porta
do seu quarto, desce a escada
correndo, abre a porta do hotel,
abraça Túlio e ajuda-o a levantar-se.
Ariadne fecha a porta de entrada do
hotel e obriga Túlio a andar.
Sobem a escada com dificuldade, ele
totalmente apoiado nela.

CENA 50. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

AMANHECER.

Clima de sensualidade.
Túlio e Ariadne entram no quarto
dele. Ele atira-se de bruços sobre
a cama, bêbado, exausto e sangrando.
Ela fecha a porta do quarto, aproxima-se
da cama e vira-o de frente.
Chorando, Ariadne começa a desabotoar-lhe
a roupa e a beijar seus ferimentos.

CENA 51. INTERNA. BANHEIRO.

DIA.

Clima de erotismo.

Ainda de camisola, mas já completamente molhada, Ariadne lava Túlio com uma esponja, ambos sob a água do chuveiro. Ele geme de dor quando a esponja toca seus ferimentos, mas ela o cala, beijando-o cada vez mais intensamente.

Ariadne e Túlio deitam-se no chão do banheiro, abraçados, com a água caindo sobre seus corpos.

CLOSE no ralo, onde escorre água ensanguentada, que sai das rendas brancas da camisola molhada de Ariadne.

CENA 52. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

DIA.

A câmera fixa a janela do quarto de Túlio, meio aberta, quase totalmente invadida pelo sol. Uma fresta deixa entrar um raio de sol muito forte, que atravessa o quarto, ilumina partes dos dois corpos nus e entrelaçados na cama, bate no rosto de Ariadne e a acorda.

Túlio continua dormindo. O raio de sol faz brilhar partículas de poeira suspensas no ar.

Ariadne olha espantada para todo o quarto. Ainda atordoada, olha para o relógio de cabeceira de Túlio, colocado ao lado de seus remédios e da garrafa de bebida. Examina a hora, assusta-se, levanta-se e sai, envolta no lençol.

O relógio marca 8.45h.

CENA 53. INTERNA. SALA DE AULA.

DIA.

Sala de aula da classe de Ariadne.

Os alunos, sem a professora, entregam-se, numa algazarra total, a uma guerra de gizes, apagadores e bolas de papel.

CENA 54. INTERNA. CORREDOR DA ESCOLA

PRIMÁRIA. DIA.

Furiosa, a Diretora do Grupo Escolar caminha rapidamente em direção à classe barulhenta. O barulho vai aumentando, conforme ela se aproxima da porta.

CENA 55. INTERNA. SALA DE AULA.

DIA.

A algazarra na sala de aula aumenta.

Alguns alunos já sobem nas carteiras,
vandalizando tudo.

À porta, surge a Diretora da Escola.

Todos sentam-se, rapidamente, em
silêncio absoluto.

DIRETORA - (Furiosa) Quietos! Onde é que já se
viu uma algazarra dessas? As outras
classes estão em aula, ouviram bem?
Quietos! A Dona Ariadne não deve
demorar, ela nunca se atrasou antes!...

A Diretora olha para o seu relógio
de pulso, perplexa com a ausência da
professora exemplar.

CENA 56. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

DIA.

CLOSE no relógio de cabeceira de

Túlio: 9 h.

CLOSE na janela do quarto, agora
meio escancarada, deixando entrar
uma faixa de luz maior e bem forte,
que o acorda. A câmera segue o trajeto
da faixa de luz, que bate no rosto
de Túlio.

Assustado, Túlio procura Ariadne.
Olha para o relógio, para o remédio,
para a bebida.
Túlio passa a mão no rosto, desacomorçado
e dolorido. Sente a barba crescida.
Túlio procura suas roupas da noite
anterior, mas não as encontra.
Gemendo, vai até o pequeno espelho
do banheiro, onde se examina: está
com olheiras, hematomas e a barba por
fazer. Ele abre a torneira.

CENA 57. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

DIA.

CLOSE do café caindo do bule na xícara.

ABRE. Saguão/Restaurante do hotel.

Túlio toma o café da manhã, numa mesa
defronte à de Ariadne.

Três homens misteriosos tomam café na
mesa ao fundo.

No balcão, Valdemar finge não observar
nada, mas não perde nenhum lance de
tudo o que acontece.

Túlio e Ariadne dialogam através do
olhar, entre deslumbrados com a noite
que tiveram, e tristes pela humilhação
sofrida por Túlio.

Ariadne está sentada de costas para uma janela. Lá fora, no pátio interior do hotel, estão dependuradas as roupas de Túlio, o que significa que ela as lavou.

Ele vê as roupas e tranquiliza-se.

CLOSE nas roupas dependuradas.

Subitamente, Túlio levanta-se e dirige-se para Valdemar, atrás do balcão da recepção.

TÚLIO - Por favor, Seu Valdemar, eu gostaria que o senhor fechasse a minha conta.

VALDEMAR - Como?

TÚLIO - Eu vou-me embora à tarde. Hoje mesmo eu termino de escrever a reportagem.

VALDEMAR - Tão depressa?

TÚLIO - Já estou aqui faz uma semana!

VALDEMAR - Tem razão. Afinal de contas, o que é que esse fim de mundo tem de interessante? Aqui não acontece nada, mesmo...

Ouve-se o barulho de uma xícara quebrada. CLOSE na xícara. A câmera fixa Ariadne, transtornada com a notícia da partida de Túlio.

ARIADNE - (De longe) Eu posso mostrar mais coisas. Quem sabe pode melhorar a sua reportagem?

TÚLIO - (Virando-se) Como?

Ariadne aproxima-se do balcão.

ARIADNE - Aqui existem umas grutas, que o
senhor não conheceu ainda.

VALDEMAR - (Interferindo, meio bravo) Você
acha que deve?

ARIADNE - (Decidida) Sim. Por que não?

VALDEMAR - (Confuso) Não acredito que seja do
interesse do Seu Túlio. Uns buracos
velhos, quase umas tocas de tatu!
Que interesse podem ter? Além disso,
você deve uma satisfação à sua
Diretora...

TÚLIO - (Pressentindo coisas interessantes)
Gostaria muito de ir. Você poderia
me acompanhar?

VALDEMAR - (Interferindo) Ariadne, eu...

ARIADNE - (Para o pai) Eu sei me cuidar. Não
se preocupe. (Para Túlio) Com licença,
eu já volto.

Ariadne entra por um corredor
escuro e desaparece.

CENA 58. INTERNA. GRUTA. DIA.

LUZ DE LANTERNA.

Clima de mistério.

A câmera percorre uma gruta abandonada.

Em algumas partes, vêem-se ainda sinais
de antigas tentativas de mineração,
no momento abandonadas.

Ariadne, à frente, ilumina a gruta

com uma lanterna. Leva Túlio pela mão.

A câmera mostra, numa região inacessível,
separada do lugar onde eles estão

por uma grande fenda, que impede

a passagem, o esqueleto de um homem,

cercado de correntes enferrujadas,

flores secas e ex-votos, jogados

pelas pessoas da cidade que acreditam

em seus poderes sobrenaturais.

Ouve-se a voz de Ariadne, OFF.

ARIADNE - (OFF) Foi assim que ele morreu.

Torturado pelo Coronel Julião. Tudo
porque ele queria dividir as terras
entre todos, e o Coronel Julião
queria as terras só pra ele. Tudo por
causa do maldito ouro. Que, afinal de
contas, não existia.

A câmera continua a fixar o esqueleto.

Ouve-se, aos poucos, o ruído de uma
máquina de escrever.

A voz de Ariadne é substituída pela
voz de Túlio, também em OFF.

TÚLIO - (OFF) O antigo fundador da cidade
foi assassinado pelo pai dos três
candidatos a prefeito. A razão do
crime foi a dissidência existente
entre eles, pois o fundador lutava
pela divisão igualitária das terras,
ao passo que o Coronel Julião as
queria só para si, pensando em
explorar sozinho todo o ouro. Que,
afinal de contas, não passava de
pura lenda.

Cresce o barulho da máquina de escrever.

CENA 59. INTERNA. QUARTO DO HOTEL.

DIA.

CLOSE na máquina de escrever.

ABRE. Túlio datilografa freneticamente
a página final da reportagem.

A câmera percorre o quarto, saindo
das mãos de Túlio sobre a máquina
de escrever, e passando pelas folhas

esparramadas desordenadamente sobre
a cama, pelas malas já arrumadas,
pela mesa de cabeceira livre.

A câmera termina o movimento na
janela, por onde entra um final de
tarde vermelho e cheio de poeira.

Vista da janela do quarto, na rua
passa uma boiada, que atravessa a
cidade.

Cessa o ruído da máquina de escrever.

O pó deixado pela boiada funde-se
à fumaça do trem parado na pequena
estação, já resfolegando e preparando-se
para partir.

O som da boiada mistura-se ao apito
do trem.

CENA 60. EXTERNA. PLATAFORMA DA ESTAÇÃO
ENTARDECER.

Túlio, ao lado de suas malas, está
parado na plataforma da pequena estação,
esperando ordens para entrar no trem.

Ao longe, uma figura de mulher, muito
elegante e misteriosa, começa a
aproximar-se. Quando ela chega mais
perto, dá para reconhecer que é Dona
Marta, a mulher do Coronel Julião.

Atrás dela, vêm um dos filhos do
Coronel Julião e mais dois capangas,
carregando malas. Eles se afastam um
pouco, quando ela se dirige a Túlio.

MARTA - Mas que coincidência! O senhor
também vai viajar hoje!

TÚLIO - Sim, senhora.

MARTA - Mas, tão cedo!

TÚLIO - É que eu já encerrei o meu trabalho.
Não tenho mais nada a fazer por aqui.

MARTA - O senhor não apareceu mais. Pensávamos
que o senhor voltaria a nos frequentar!

TÚLIO - (Encabulado) É... a senhora sabe...

MARTA - (Sem se dar por vencida) Mas não
faltarão oportunidades, não é mesmo?

Sinais para embarque. Dona Marta
vai subir no trem e Túlio tenta
ajudá-la, mas um dos capangas se
adianta e impede-o. Marta sorri,
entre repreensiva e deliciada com
a situação.

MARTA - (Para o capanga) Calma, Jorge. Este
senhor é de confiança, amigo da
família... Não é mesmo, Seu Túlio?

Encabulado, Túlio não responde. Ela
sobe no trem. Os capangas sobem atrás.
Por último, Túlio. O trem parte.

CENA 61. INTERNA. VAGÃO DO TREM.

ENTARDECER.

Acomodam-se as malas, menos uma, de
Túlio, que ele deixa ao seu lado,
evitando colocá-la no bagageiro.

O vagão está vazio, pois a cidade
está situada no início da linha.

CLOSE na mala de Túlio.

Sentada em frente, Dona Marta volta
a dirigir-se a Túlio.

MARTA - Quando voltaremos a nos ver?

TÚLIO - (Encabulado) Não sei. Vai ser difícil.
Não penso em voltar pra cá tão cedo
assim.

MARTA - Estou dizendo em São Paulo.

TÚLIO - Lá eu fico o dia todo no Jornal.
Quase nunca saio.

MARTA - Mesmo assim. O senhor poderia me
acompanhar às compras....

TÚLIO - Compras?

Túlio olha para os dois capangas
e o filho do Coronel Julião.

TÚLIO - Mas...

MARTA - (Rindo) Ora, eles vão estar muito
ocupados com essa maldita campanha
eleitoral! Nenhum deles vai querer
examinar rendas francesas com uma
senhora ...

Dona Marta olha para a janela.

MARTA - Ah! Que maravilha! O senhor sabia
que o trem cruza com um trecho da
nossa fazenda? Uma ponta, perto
do curral...

TÚLIO - Não, não sabia.

MARTA - Então venha ver. Da minha janela
dá pra se ter uma visão bem melhor.

TÚLIO - Não, obrigado. Estou vendo perfeita-
mente, daqui mesmo.

Dona Marta olha para um dos capangas,
sentado atrás de Túlio. Ele aproxima-se
e dá uma coronhada na cabeça de Túlio.

"INSERT". O trem entra num túnel e desaparece
completamente, apitando.

CENA 62. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

ENTARDECER.

Ariadne está sentada numa mesa do
refeitório do hotel, tentando
corrigir provas de seus alunos.
Completamente transtornada, não
consegue se concentrar no trabalho.
Valdemar a observa, disfarçando.
Ela olha para a janela do refeitório,
que dá para o pátio interno do hotel,
e vê as roupas de Túlio, ainda
dependuradas.

CENA 63. EXTERNA. PÁTIO INTERNO DO HOTEL.

ENTARDECER.

Ariadne entra no pátio. Abraça as
roupas de Túlio com ternura incontida.
Subitamente, decide jogá-las no lixo
com fúria, junto com a lavagem.

CENA 64. INTERNA. SAGUÃO DO HOTEL.

ENTARDECER.

Ariadne volta para a mesa. Olha as
provas. Senta-se, abatida.
Subitamente, num ataque de nervos,
rasga as provas.
Chorando, sobe a escada correndo e
entra no seu quarto, batendo a porta
com estrondo.
A mesa comumente usada pelos três
homens misteriosos está vazia.

"INSERT"

O trem some numa curva.

CENA 65. EXTERNA. ESTRADA DE TERRA.

ENTARDECER VERMELHO.

De olhos vendados, Túlio está sendo
arrastado por uma estrada de terra,
pelos dois capangas. Atrás, vai o
filho do Coronel Julião, carregando
malas. Por último, como se completasse
uma estranha procissão, Dona Marta.

Travelling.

CENA 66. EXTERNA. FRENTE DA CASA-GRANDE.

ANOITECER. ARCHOTES.

Passam na frente da Casa-Grande,
totalmente iluminada.

A câmera gira em torno da casa,
penetrando-a através das janelas
abertas. Lá dentro, acontece uma
grande festa.

Os capangas, à porta, não estranham
a passagem do pequeno grupo, que se
dirige para um barracão atrás da
Casa-Grande, onde Túlio é atirado
com violência. Ele é trancado por fora.
Da porta dos fundos da casa, Dona Marta
observa tudo. Lá dentro, a festa reina.

CENA 67. INTERNA. QUARTO DE ARIADNE.

NOITE.

Clima de solidão.

Sentada na cama, Ariadne pinta-se
provocantemente com um bâton
escandalosamente vermelho. Olha-se
no espelho do guarda-roupa, desanimada.
Vai enxugar os olhos que lacrimejam.
Desajeitada, suja o rosto com o bâton.
Olha-se profundamente. De repente,
ao invés de limpar-se, começa a sujar-se
mais ainda e besunta as maçãs do rosto
com o mesmo bâton. Com os olhos inchados,
meio descabelada, sua figura fica
patética, grotesca.
CLOSE no espelho.

CENA 68. EXTERNA. FRENTE DO BARRACÃO.

NOITE. ARCHOTES.

Clima de mistério. Bruma.

Abre-se violentamente a porta do
barracão. Túlio, seminu e espancado,
é retirado de dentro por dois capangas,
ainda de olhos vendados, e é levado
para um local muito escuro.

Abre-se uma porteira e ele é atirado,
sozinho, num lugar que não se sabe
qual é. Fecha-se a porteira, com
violência. Túlio sente frio.
TRAVELLING.

CENA 69. INTERNA. QUARTO DE ARIADNE.

NOITE.

Ariadne está vestida provocantemente
com um vestido de baile de cetim
vermelho, muito decotado.

Desanimada, está sentada na cama.

Olha-se no espelho do guarda-roupa.

Coloca os pés dentro das sandálias

de salto alto, mas não tem coragem

de abotoá-las. Tem uma crise de choro,

joga-se de bruços sobre a cama,

sujando de bânton vermelho a fronha

muito branca, rendada.

CLOSE NA FRONHA SUJA.

CENA 70. EXTERNA. CURRAL.

NOITE.

Clima de mistério e perigo.

Desesperado, seminu, morrendo de frio, espancado, Túlio corre por um espaço cercado, que ele não sabe o que é. De olhos vendados, bate nas cercas. Túlio tira a venda.

Subitamente, começam a acender-se tochas, que formam um grande círculo à sua volta. Túlio está no centro desse círculo.

Abre-se uma porteira. O misterioso "Bumba-meu-Boi" do desfile (CENA 42) entra dentro do círculo e aproxima-se de Túlio. Por baixo das roupas folclóricas, percebem-se três homens. A câmera percorre o círculo, girando por dentro. Os homens seguram os archotes. Ao seu lado, mulheres muito elegantes, todos provenientes da festa. Todos os homens usam chapéus descidos sobre os rostos, para se protegerem do frio, o que lhes dá um ar muito misterioso. Ouvem-se brindes, risadas.

O champanhe espouca e os cristais
tilintam. As jóias brilham no escuro.
Por último, a câmera fixa a família
do Coronel Julião, muito sorridente,
acomodada numa espécie de tribuna
de honra: o pai, orgulhoso, bonachão.
Dona Marta, bonita e muito chique. Os
três filhos, parecidos e inexpressivos.
A uma ordem do Coronel Julião, o
"Bumba-meu-Boi" começa a lutar contra
Túlio, que tenta fugir, inutilmente.
Debaixo das fantasias, saem mãos que
seguram punhais. Esfaqueiam Túlio
muitas vezes.
A cada estocada, a platéia aplaude
com entusiasmo.
Túlio cai no chão.
O Coronel Julião faz um gesto, como
o dos imperadores romanos.
Túlio, em consequência, recebe
uma primeira grande estocada.
Dona Marta faz o mesmo gesto.
Túlio, em consequência, recebe
uma segunda grande estocada.
Um dos três filhos repete o mesmo gesto.
Túlio, em consequência, recebe
a estocada final.

A platéia aplaude e se afasta, com
os archotes.
No chão, Túlio está morto, sangrando.
CLOSE.

CENA 71. EXTERNA. CURRAL.

AMANHECER.

CLOSE em Túlio.

ABRE. Amanheceu. Só agora se pode
ver onde tudo aconteceu: no curral.

Alguém abre a porteira.

Começam a entrar muitas vacas.

A câmera evidencia seus chifres.

Túlio está caído no centro do curral.

As vacas rodeiam-no mansamente .

CLOSE nos chifres.

O álibi dos bois está formado.

Ouve-se uma música religiosa,
apoteótica. Sinos em profusão,
rojões.

CENA 72. EXTERNA. ESCADARIA DA IGREJA.

DIA.

Clima de festa.

Dia da posse. Domingo.

A câmera fixa a frente da igreja,

depois da missa matinal.

Ao lado do padre, a família do

Coronel Julião sai da igreja e

estaca, gloriosa, nos degraus.

As pessoas vêm cumprimentá-los

pela recente vitória nas eleições.

A câmera se afasta e fixa, além

de elementos típicos de uma praça

interiorana e domingueira (crianças,

balões, pipoqueiros), algumas

faixas alusivas à vitória da

família nas últimas eleições.

Ao fundo, a família, ainda sobre

os degraus, recebendo cumprimentos.

Uma das faixas diz: "BRASIL, 1937".

A câmera "congela" essa imagem. FREEZE.

Entra o som, irônico, de uma banda

tocando um dobrado estridente e

bombástico, enquanto sobre a tela

são projetados os créditos finais.